

Jornal de Brasília domingo

12 de maio de 1985

Completando hoje trinta dias na direção da Fundação Cultural do Distrito Federal, Luis Humberto revela que seu grande sonho é conseguir coordenar o processo de reestruturação e, um dia, sair de mansinho, sem que ninguém sinta sua falta, deixando a estrutura instalada. Ele acredita que a Fundação está apta para ser transformada em secretaria.

A fundação estava viciada

“Em tese, eu não sou a favor da separação das áreas Educação e Cultura em duas secretarias distintas, mas do ponto de vista operacional, talvez seja uma necessidade”. Esta é a opinião do diretor executivo da Fundação Cultural do DF, Luis Humberto, a respeito da criação da Secretaria de Cultura do DF pelo governador José Aparecido, acrescentando, ainda, que não pleiteia o cargo de secretário de Cultura e garante que desconhece qualquer informação sobre a possível indicação de seu nome.

Entretanto afirma que a Fundação Cultural estaria preparada para ser transformada em secretaria, tal como está, “sem crescer em pessoas, mas sim em recursos”.

— A Fundação Cultural não é uma tragédia, mas está viciada. Ao assumi-la, constatei que havia antes uma pulverização de verbas. Na realidade, ela funciona como um órgão repassador de recursos públicos, recolhidos da comunidade, de forma inteiramente acrítica. E ninguém reclamava, ninguém estava preocupado com os recursos.

Segundo ele, “cabe a nós retomar nova postura e não atuar em cima dos erros do passado”. Para Luis Humberto, muita gente boa cresceu em Brasília sem informação necessária; do ponto de vista formador. “Desagregou-se todo o processo do pensar, do fazer. O trabalho é gigantesco, e são muitos os anseios”.

— Eu formei uma boa base de as-

essoramento na Fundação, que com a estrutura que estamos criando, está adequada para agir como secretaria. Com mais liberdade, mais vôo e mais recursos, podemos realizar um belo projeto, em termos democráticos.

Mesmo porque, Luis Humberto vislumbra como uma “coisa muito bonita” o momento pelo qual Brasília atravessa atualmente, quando, na sua opinião, acontece uma retomada da cidade pelos seus habitantes.

— Desde que assumi, tenho ouvido uma quantidade enorme de pessoas que pedem para trabalhar comigo a título de colaboração. Não é emprego que procuram, é participação. E isso não é um fenômeno de triunfo individual, mas um acontecimento que registra um movimento de pessoas resistentes que brigaram e brigam por uma atuação visando abrir cabeças. Vejo que essas pessoas retomam o gosto pela alegria. Muita gente me diz: “Tem muito doido agora trabalhando com você na Fundação”. E eu respondo que tem muito doido lá sim, com razões para estar alegre. E esses doidos são pessoas que confiam em mim, mas sabem que terão espaço. São pessoas que se dedicam. “Tenho 50 anos, e reconheço que um homem, aos 50 anos, tem obrigação de ter juízo, mas não pode matar a criança que tem dentro dele. E não tenho nada contra críticas. Eu me ofendo sim, com insultos, com mentiras”.

— Enfim, vejo atualmente em Brasília, a vitória da cabeça, da sen-

sibilidade. Sabe qual é o meu sonho? É conseguir coordenar o processo de reestruturação da Fundação e, um dia, pegar minha pasta, sair de mansinho, sem que ninguém sinta minha falta, deixando a estrutura instalada.

O que mudou

Hoje completam-se 30 dias, desde que Luis Humberto tomou posse no cargo de diretor executivo da Fundação Cultural, e muita coisa mudou. O prédio que antes lembrava um mausoléu, hoje está cheio de vida, com um entrar e sair de pessoas constantemente, participantes efetivas da produção cultural da cidade e, até bem pouco tempo, marginalizadas.

A Fundação Cultural hoje conta com um corpo de colaboradores e assessores compondo o que se pode chamar de um conselho comunitário, nascido do gesto espontâneo de pessoas como B. de Paiva, Alex Chacon, Cristina Borracha, Vladimir Carvalho, José da Matta, Marco Antônio Guimarães, Tetê Catalão e tantos outros, que se aproximaram do órgão com o único intuito de participar do delineamento de uma política cultural para o Distrito Federal. E a Fundação tem luzes e vida mesmo até altas horas da madrugada.

Tais mudanças já podem ser constatadas com a reforma dos equipamentos do Cine Brasília e sua atual programação e a implantação do “Projeto Cara-a-Cara” que possibilita o encontro de profissionais de diferentes áreas artísticas, provenientes de outros Es-

tados, com artistas da cidade, buscando o intercâmbio de informações. O que ainda não mudou completamente está em processo de reformulação.

— A Fundação já mudou — garante Luis Humberto. O “Projeto Cara-a-Cara” foi implantado objetivando a fluência da passagem do conhecimento, sempre impedida, porque é algo que tem a ver com o poder. Se o poder é autoritário, não se discute par a que não haja questionamentos.

Segundo ele, o órgão tem agora ligação concreta com outras instituições voltadas para o conhecimento, como Universidade de Brasília, Fundação Pró-Memória, Funarte, buscando, inclusive, não duplicar ações.

— O que acontece é que todo mundo quer ter seu feudo, e se formou, então, um mosaico que ainda vai clarear dentro do agir cultural. Há falta de conceito e inércia no agir. E sempre repito que se confunde eventos e produtos com cultura, que é um processo. É claro que evento e produto têm efeito transformador, mas se acontece socialmente.

Entre outras novidades, a Fundação ganhou uma espécie de assessoria, sob a responsabilidade de Elaine Ruas, do Circo Voador do Rio de Janeiro, para apoio logístico aos artistas de fora. Outra assessoria para promoções ao ar livre, principalmente nas cidades satélites, tendo à frente Neil Lúcio, responsável pelo êxito “Movimento Cabeças”, que, segundo Luis Humberto, será reformulado e

reativado pela Fundação Cultural.

Também será reativado o “Carrossel da Cultura”, um palco móvel que percorria as cidades satélites apresentando espetáculos e que, agora, se fixará na Vila do Paranoá. O “Projeto Platéia”, que se utiliza dos complexos escolares da Fundação Educacional para apresentação de espetáculos, também foi reformulado.

O “Projeto Opera” está suspenso temporariamente, sob avaliação. Será criada uma assessoria para dança, e estão sendo reativadas as relações com embaixadas. Está em andamento um projeto para edição do “Jornal Cultural”, sob a responsabilidade do jornalista Reinaldo Jardim.

Será reformado o Centro de Criatividade, localizado na quadra 508 Sul, e o maestro Cláudio Santoro está incumbido da qualificação da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, também será lançado o projeto “Brasília Bota Banca”, para usar as bancas de jornais como centro irradiador.

— Nosso grande drama — explica Luis Humberto — é o aporte excessivo de ideias, mas é preciso ter consciência de que um sonho não se torna realidade se não há chão para decolar.

Para as críticas e cobranças, ele responde: “Eu não cultivo o ego. Pelo próprio atrito da ação o límpido vai aparecer”.

Wilma Lopes

